

RECEPTIVIDADE E CRÍTICA NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS: pelo viés da interdisciplinaridade

Carla Cristina Moreira LOPES,
Maria Aparecida Rodrigues de SOUZA,

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade em Educação

Resumo: O estudo tem como objetivo explorar a receptividade na obra *A enxada*, de Bernardo Élis (2006), a partir do olhar aguçado de algumas críticas literárias que norteiam esta arte goiana. Assim, ao equacionar teorias, somadas à bagagem do leitor, da obra e mesmo do autor, poder-se-ia chegar ao verdadeiro *prazer do texto*, do qual nos diz Barthes (2010). Prazer esse, que nos permite vivenciar a obra pelo viés literário da analogia e pelas concepções educacionais relacionadas à formação cultural. Este artigo é resultado de um trabalho realizado por uma interlocução entre pesquisadoras de áreas afins, literatura e pedagogia, pela linha da interdisciplinaridade. O percurso teórico-metodológico adotado na investigação ocorreu por meio do letramento informacional, o qual proporcionou associações entre referenciais teóricos e a arte de Bernardo Élis. Isto, para Gasque (2012), é saber lidar com a informação - determinar, acessar, avaliar, usar e atentar para a ética - que conecta, de maneira rizomática (DELEUZE, GUATTARI, 1995), à várias áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura. Educação. Interdisciplinaridade. Letramento informacional.

Introdução

Apresenta-se aqui o resultado de um estudo acadêmico realizado por meio da interlocução entre pesquisadoras de áreas afins, Letras e Educação, por um eixo interdisciplinar.

O estudo partiu da afirmação de Fazenda (2011, p. 41) que “ponto de encontro entre os saberes” é fundamental para a compreensão das coisas. Assim, nos propomos a investigar a receptividade na obra do escritor goiano Bernardo Élis (2006), especificamente no conto *A enxada*.

Buscou-se em teóricos da Literatura e da Educação aporte para compreensão da desconfiguração do ser humano ante a dicotomia do ter e do não ter e da procura incessante da personagem central do conto *A enxada* pelo seu instrumento de trabalho. Nos propomos a vivenciar essa arte na mesma intensidade de aferir questionamentos diante da condição social de um ser, tanto pelo viés literário, quanto educacional.

Objetivos

a) Explorar a obra *A enxada*, de Bernardo Élis (2006), pelo viés da receptividade, a partir do olhar aguçado de algumas críticas literárias e entendimentos da sociologia da educação;

b) Analisar a obra *A enxada*, pelo caminho da interdisciplinar, tendo, a partir dela, uma visão cultural e questionadora da arte literária e de algumas concepções educacionais relacionadas à formação cultural do ser humano.

Metodologia

O percurso teórico-metodológico adotado na investigação ocorreu por meio da busca e recuperação de textos de análise crítica e literário. Nesse sentido, o letramento informacional se fez presente a partir do momento que fomos capazes de “buscar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz” (GASQUE, 2012, p. 19). O letramento proporcionou a recuperação de textos com referenciais teóricos acerca da arte de Bernardo Élis e também deu suporte a análise dialética do conteúdo do conto *A enxada*. Isto, para Gasque (2012), é saber lidar com a informação - determinar, acessar, avaliar, usar e atentar para a ética - que conecta, de maneira rizomática (DELEUZE, GUATTARI, 1995), à várias áreas do conhecimento.

A leitura interdisciplinar se materializou ao relacionar os “textos” lidos aos “contextos” de duas áreas do conhecimento, que se entrecruzam ao pesquisar o objeto de estudo. Esse procedimento permitiu às pesquisadoras, o desenvolvimento da criticidade e a abertura de horizontes, ao possibilitar novos olhares acerca do problema em investigação. O olhar interdisciplinar nesse artigo é resultante da leitura de teóricos da área de Letras e outros da Educação.

Referencial teórico

O livro de contos *Veranico de janeiro*, de Bernardo Élis (1915-1997) é, com excelência, uma grande obra marcada, especialmente, pela narrativa poética *A enxada*, que o constitui. Ele nos faz sentir, de maneira contempladora, diante de uma verdadeira obra de arte e abre caminhos guiados pelas críticas mais consagradas hoje, pela literatura. É por meio dessas perspectivas, de recepção da obra e da crítica literária, que este trabalho apresentará suas considerações acerca do conto de Élis (2005).

Mesmo engendrada por uma visão social, a engenharia desta narrativa não se limita, apenas, em descrever problemáticas que norteiam os indivíduos de uma localidade. Com uma linguagem literária autônoma, vai avante ao universo literário, permeado por uma linguagem

complexa, que permite o leitor vivenciar a obra na mesma intensidade pelos anseios de justiça e de igualdade, que lhes são despertados ao ler o conto *A enxada*.

Quem vive em condições precárias – casebre cedido, sem recursos para comprar alimentos, ferramentas de trabalho, roupas e outros bens básicos à sobrevivência humana - o estudo não é importante, no caso de trabalhadores rurais em situação de subsistência, estudar é um luxo. As condições socioeconômicas de Supriano, protagonista da obra *A enxada*, não lhe permitiam ter o básico de um cidadão: comida, casa, trabalho, saúde e educação.

Em *A enxada*, literatura e linguagem se encontram e se imbricam. Não para que a literatura possa contar uma história por meio de acúmulo de palavras e frases, mas sim para desacomodar e perturbar o leitor: “[...] a literatura e a linguagem se ofuscam mutuamente; isto é, se iluminam e se cegam umas às outras para que, talvez graças a isso, algo de seu ser venha sorrateiramente até nós.” (FOUCAULT, 2005, p. 141). E este algo, ao ler *A enxada*, arrebatava nosso peito, abruptamente, como um ataque terrorista que nos desperta sentimentos de luta, de igualdade, de grito, sem transitividades, sem porquês, esbravejado: “somos seres vivos”, simplesmente. E não seres humanos com direitos à formação profissional. A educação relegada ao cidadão o posiciona à margem das condições de busca de direitos.

A literatura do autor goiano fascina o leitor e alcança o que Barthes (apud PERRONE-MOISÉS, 2013, p. 9) conceitua sobre o escrever

Escrever sempre foi um “verbo intransitivo”. A obra literária não é mensagem, é fim em si própria. A linguagem nunca pode dizer o mundo, pois ao dizê-lo está criando um outro mundo, um mundo em segundo grau regido por leis próprias que são as das próprias linguagens. O sistema da linguagem não é análogo ao sistema do mundo, mas homólogo. A linguagem literária nunca aponta o mundo, aponta a si própria.

Um caráter humanizador circunda a obra em questão, traduzido por meio das palavras, das quais “pululam formas de injustiças e de verdades deglutidas pela língua e postas em forma de linguagem” (GONÇALVES, 2006, p. 127). Piano, um ser do capital, literalmente expropriado da sua produção (MARX, 1988), preso a sua ignorância e alienado à subserviência por ser analfabeto.

Nesse sentido, a leitura do conto *A enxada* em nossa análise funciona como um objeto que pode ser visto tanto pelo olhar literário quanto pela sociologia da educação. Esses dois olhares, de áreas diferentes, se conectam com fim único, denúncia da exploração subumana. Esse processo de análise se converge ao que chamamos aqui de interdisciplinar. “[...] a necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e modificar

o mundo, como também por exigência interna das ciências que buscam o restabelecimento da unidade perdida do saber” (FAZENDA, 2011, p. 49).

Resultados e discussão

Destacamos que *A enxada* permitiu-nos assinalar o papel social desempenhado pela literatura, a qual nos faz refletir sobre os conceitos defendidos por Elias (apud BAUMAN, 2001, p. 43): “a sociedade dando forma à individualidade de seus membros, e os indivíduos formando a sociedade a partir de suas ações na vida, enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências”.

A interdisciplinaridade (ou multidisciplinaridade, ou transdisciplinaridade), enquanto mecanismo pedagógico de ensino-aprendizagem possibilita uma maior compreensão das realidades sociais. A partir do momento que uma área do conhecimento humano interage com outros campos de saberes, abre-se espaço para que o conhecimento deixe de ser tão-somente meros componentes de ensino-aprendizagem, para dar espaço a uma maior compreensão do mundo real.

Segundo Ivani Fazenda (1991, p. 17):

(...) um projeto interdisciplinar de trabalho ou de ensino consegue captar a profundidade das relações conscientes entre as pessoas e entre pessoas e coisas. Nesse sentido, precisa ser um projeto que não se oriente apenas para o produzir, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um ato de vontade. Nesse sentido, ele nunca poderá ser imposto, mas deverá surgir de uma proposição, de um ato de vontade frente a um projeto que procura conhecer melhor. No projeto interdisciplinar, não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se.

A autora nos referenda a relevância da postura interdisciplinar do educador, para a importância de viver e exercer no âmbito da educação uma prática pedagógica menos ideologizada e mais diversificada, para uma compreensão mais alargada das relações sociais e suas implicações.

A postura interdisciplinar é percebida quando o escritor “consegue transpor para o campo literário um universo imaginário rigorosamente coerente, correspondente à realidade do grupo” (PESSOA, 2005, p. 15). Essa transposição da realidade pode ser verificada nas páginas do conto *A enxada*. Podemos conhecer muito sobre a realidade educacional na vida da gente camponesa por meio da literatura. Pessoa (2005, p. 21) afirma que “o significado da educação ou do trabalho de ensinar, no imaginário popular, não pode, de forma alguma, negligenciar a fala dos nossos romancistas e contistas, e por, por que não dizer, dos nossos

prosadores, trovadores e poetas”. Por isso a importância da interligação entre educação e literatura.

A ausência de uma educação formal libertadora na vida de Piano o cerceou do conhecimento básico de que era um ser humano com direitos ao respeito à diferença cultural. Ter recebido educação nesse cenário seria uma opção para libertar-se do trabalho escravo, ter autonomia e liberdade de escolha, conforme as concepções de Freire (2015).

A literatura de Élis se encaixa como uma luva, também, nos conceitos de Barthes (apud PERRONE-MOISÉS, 2013, p. 9): “[...] escritores concebem a literatura como fim, o mundo lhe devolve como meio; e é nessa decepção infinita que o escritor reencontra o mundo, um mundo estranho [...]”.

Perguntas que perturbam não só a voz que grita por respostas, mas também a toda uma sociedade que busca o prazer na leitura, na apreciação da obra literária. Assim o artista mexe com as estruturas da sociedade que o lê. Segundo Candido (2006, p. 22) “O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade”.

Pelas portas que a teoria da recepção abre à arte, podemos ressaltar um movimento analógico entre Élis e Assis (2010, p. 69), em *Um caso de burro*. Nesta crônica, o autor conta quem é a personagem central, um burro que “já estava para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos”. Na fala de Assis, está representada a importância da interdisciplinaridade por oportunizar amarras dos conhecimentos afins. É a chance de se beber de outras fontes do conhecimento. Não basta só saber que existe algo mais. É preciso saber usar essa algo em favor da evolução humana (GASQUE, 2012), assim como o personagem burro o fez.

Tanto Piano, como o burro, são símbolos da ignorância. A transposição de elementos da esfera do humano para a do animal irracional é um recurso de distanciamento usado por Assis (2010), que leva o leitor a refletir sobre o humano que valoriza a submissão e a conformidade. A situação a que chegou Piano são efeitos de uma sociedade em que o cidadão pobre não tem direito a educação. A falta que essa fez ao Piano o levou a morte.

A ferramenta enxada foi o estopim da morte de Piano se não desvelássemos o verdadeiro motivo do desfecho do conto: as condições socioeducativa do personagem. Discutir os aspectos relacionados à conscientização dos direitos sociais e trabalhistas no

contexto das relações sociais significa estabelecer uma interdisciplinaridade entre educação e literatura, áreas aparentemente dicotômicas, mas que se entrelaçam no provimento do saber.

Em *Um caso de burro* (ASSIS, 2010, p. 69) o burro faz um exame de consciência de sua vida: “[...] Não furtei, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa... Quanto ao zorro, usei dele como linguagem [...]”. Assim, o faz, também, Piano, em *A enxada*, “[...] Num matei, num roubei, num buli com muié dos outros, gente [...]” (ÉLIS, 2006, p. 59).

Percebemos, assim, que ambas personagens não passam da condição de seres dominados por uma sociedade fortalecida pelas amarras da escravidão e estão vazias de perspectiva de luta para melhorarem a vida. São figuras que nunca “[...] pensaram sequer na perturbação da paz pública [...]” (ASSIS, 2010, p. 69). O seus fins são lamúrias.

Estas relações analógicas possíveis entre textos, definem bem a liberdade que a arte tem, longe de estar aprisionada à uma única amarra, seja do pensamento, da alma ou do corpo. O efeito e a recepção são os fatores fundamentais de que se ocupa a estética da recepção. É ela que nos possibilita que os simples elementos linguísticos se ramifiquem em cadeias de sentido. É graças ao processo alternativo de pregnância, que críticos da literatura, como Gonçalves (2006) tecem sua fruição diante da obra de arte, que no trabalho em análise, prioriza o conto de Élis (2005).

A enxada retém em suas formas os achados estéticos que, Machado, Ramos, Rosa e Lispector, formularam a contradição entre local e cosmopolita em termos mais profundos que transfiguraram a região e a universalizaram, na perspectiva do super-regionalismo de que fala Antonio Candido (2006, p. 161): “nutrida de elementos não-realistas, como o absurdo, a magia das situações; [...] – ela implica não obstante em aproveitamento do que antes era a própria substância do nativismo, do exotismo e do documentário social”. O irreal na literatura é algo real para a Sociologia da Educação. Pois quando a pessoa não é formado para buscar informações, comparar dados, adotar critérios para produzir algo de maneira adequada fica o déficit da funcionalidade (GASQUE, 2012).

Segundo Gonçalves (2006, p. 128), “no processo de construção a arquitetura do autor goiano passa pelas três etapas que entendemos fundamentais para que se justifique o trabalho de linguagem um trabalho de efeito artístico: composição, realização e modulação”.

Quanto aos aspectos composicionais, Bernardo Élis valoriza características regionais, peculiares ao sertão de Goiás, principalmente no trato com o código linguístico, que reflete a simplicidade do homem do campo, mas ao mesmo tempo o mostra cheio de orgulho,

honradez e respeito pelo próximo. "Seu moço, num vê que tou aqui com uma roça de arroz no ponto de planta e num tem enxada" (ÉLIS, 2006, p. 52).

Segundo Gonçalves (2006, p. 128) afirma que quanto à ambiência regionalista:

Esses e outros elementos de composição da obra do autor goiano são ingredientes que se voltarão contra o próprio regionalismo. Ele se vale dos elementos conhecidos, para alçar voo ao praticamente fantástico, absurdo, irreparavelmente inóspito mas irremediavelmente verossímil." A história sai do patamar da fábula e esfera do que podemos denominar realização artística".

Nos estudos de Araújo (2007), as representações de educação pela sociedade goiana materializado na literatura regional é um referencial também importante para quem pesquisa o mundo rural. Por meio deste referencial evidenciam-se outros aspectos a serem explorados na literatura sob a interface educação e o trabalhador rural à margem da sociedade.

Ao lermos a obra de Élis (2005), devemos ter um olhar crítico para entender sua verdadeira significação e atingir, dessa forma, o plano defendido por Barthes (2013 apud PERRONE- MOISÉS, 2013, p.10) "tentar buscar não o que a obra significa, mas como a obra chega a significar. E perceber que a crítica é metalinguagem, linguagem sobre linguagem, e está portanto submetida às mesmas exigências da linguagem literária".

O discurso empobrecido da personagem é um reflexo do meio onde ela vive. Nos pensamentos de Heidegger (1967), em *O ser e o tempo*, o ser ou é dotado de fala ou de falatório. A primeira está fundada no discurso "é o fundamento ontológico-existencial da linguagem" (HEIDGGER, 1967, p. 219). Isto quer dizer compreender e ser compreendido na sociedade onde se insere. Algo que Piano não o é. O julgamento que o outro pode fazer de si, o coloca em situações desconfortantes "Estava em jejum desde o dia anterior [...] Na sua lógica, achava que se aceitasse a comida, seu Joaquim julgava bem pago [...]" (ÉLIS, 2006, p. 48).

De acordo com Gonçalves (2006, p. 128)

na instância da realização, os signos deixam de ser coisas para serem signos; deixam de ser símbolos para serem signos estéticos; enquanto signos estéticos, em menor ou maior grau de intensidade, criam o mundo da literatura; como literatura geram tensões que nos levam a ler e a entender melhor a realidade.

Ainda segundo GONÇALVES (2006, p. 130)

a literatura de Bernardo Élis cria algemas indomáveis que prendem o leitor no eixo da palavra e ao mesmo tempo na trama que se anela. Essa forma

tensa condiz com a dialética da arte e não com a facilidade ilustrada dos ornamentos temáticos da chamada literatura regionalista.

A cultura não é um elemento somente do regionalismo. Ela está presente no universal. Sendo assim, um componente interdisciplinar por possibilitar o diálogo entre os diferentes grupos sociais e áreas do saber. Quem tem uma leitura mais ampla abre horizontes no sentido de evocar a consciência ao movimento social. A educação serve também para gerar liberdade, liderança e projetar a participação da comunidade. Freire (2015) destaca que antes de aprender a ler e a escrever palavras e frases, lemos o mundo que nos cerca. No entanto, o mesmo autor nos alerta que precisamos ir além do conhecimento prático, é preciso ter consciência das coisas.

A linguagem de Bernardo Élis nos permite adentrar, como já dito, no universo literário de forma significativa. É plantar em terras férteis sementes que germinarão numa literatura singular e independente. “Diríamos que suas garras e suas patas se movimentam em vários sentidos e em varais cromáticos sob um sol nem sempre exposto o suficiente para lhe conferir o estatuto de consciência” (GONÇALVES, 2006, p. 130). Assim, a maneira de modulação da obra, arquitetada pelo autor goiano supera as barreiras da tematização, e numa direção centrípeta da linguagem, num processo de desautomatização (DERRIDA, DELEUZE??), nivela sua obra às questões estéticas da arte.

Identidade e diferença se encontram, pois, em um estreito caminho de relações de poder. “Onde existe diferenciação, aí está presente o poder” (SILVA, 2014, p. 80). Tais relações marcam bem a submissão a qual Piano vivia, sob fazendeiros e coronéis.

Ainda que o domínio da língua não garanta ascensão social, ele contribui (junto com outros domínios como da cultura, dos hábitos sociais, da identidade) para assinalar que existe um pequeno grupo que se mantém no poder e tende, a todo custo, manter este *status quo*, ou seja, pretendem dominar a cultura, a língua e outros fatores para que possam manter o controle sobre as sociedades. Silva (2014, p. 83) defende que:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.

As reflexões de Silva (2015, p. 127), avalia bem esse quadro de sociedade e linguagem que Piano vive “[...] a análise pós-colonial adota uma concepção materialista de representação, na qual se focaliza, o discurso e a linguagem.” É, pois, a representação o eixo que constrói a

identidade cultural e social de cada um. “A representação está no centro da conexão saber-poder” (SILVA, 2015, p. 128). Àquele, então, que representa o poder (dominador/Elpídio), impõe sua cultura, sua identidade sobre o dominado (Piano e sua família).

Dessa forma, a obra de Bernardo Élis, por meio de sua linguagem, viabiliza uma reflexão questionadora do eu e do outro; em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Assim, se produz as figuras complexas de diferença e de identidade. Os sujeitos situam-se, pois, nos “entre-lugares”. “Tal aspecto viabiliza uma reflexão questionadora do eu e do outro; em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão ainda que as culturas sejam conflituosas entre si” (FREYE, 1973, não paginado). É nesse meio, que se encontra Piano. Em um lugar e em um tempo que como afirma Crozier (apud BAUMAN, 2011, p. 151) em sua teoria

quem manda são as pessoas que conseguem manter suas ações livres, sem normas e portanto imprevisíveis, ao mesmo tempo em que regulam normativamente as ações dos protagonistas. Pessoas com as mãos livres mandam em pessoas com as mãos atadas; a liberdade das primeiras é a causa principal de liberdade das últimas - ao mesmo tempo em que a falta de liberdade das últimas é o significado da liberdade das primeiras.

Conclusão

Para compartilharmos este artigo, dando sentido ao que lemos e analisamos, tivemos que saber lidar com a informação. Isto é, buscá-la e usá-la para estabelecer escolhas e decisões. Foi por meio da reflexão sobre o fenômeno condição humana e suas inter-relações expressa nas Letras e na Educação, que realmente compreendemos o que ocorreu com a personagem Piano. Em *A enxada*, vimos Piano passar por um processo de desumanização tomado pela angústia de não conseguir uma enxada, seu fim é marcado por torturas, feridas, suplícios implorados por olhares, dos quais não adiantaram de nada. “Fome, incompreensão, cansaço, dores na munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, revolta inútil, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro” (ÉLIS, 2006, p. 58). O sofrimento é a companhia de Piano.

Paralelamente às mazelas que aprisionam Piano, a linguagem do conto nos apresenta, de maneira tão sutil, que é fim o dele: “[...] cano de espingarda cutucando nas costas [...]” (ÉLIS, 2006, p. 57) e que o espírito épico não é mais possível, uma vez que “sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a

dinamite [...]” (ASSIS, 2010, p. 70). Evidenciamos pelo estudo interdisciplinar que ser humano à margem da educação torna-se alienado, dilacerado e desestabilizado por uma “enxada”.

Referências

- ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela de. Educação e mundo rural na literatura regional. In: PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). **Educação e ruralidades**. Goiânia: Editora UFG, 2007. P. 195-229.
- ASSIS, Machado. Um caso de burro. In: MADI, Sonia (Coord.). **A ocasião faz o escritor**. São Paulo: Cenpec, 2010. P. 69-70. (Coleção da Olimpíada).
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução Lyla Perrone – Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates; 24).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.
- ELIS, Bernardo. A enxada. In: _____. **Veranico de janeiro**. Goiânia: ICBC, 2006. p. 45-72.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- FAZENDA, Ivani. *Práticas Interdisciplinares na Escola*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FOUCAULT, Michael. Linguagem e Literatura. In: Machado, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Fahar, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: FCI/UnB, 2012.
- GONÇALVES, Aguinaldo José. A poética de Bernardo Elis e seu procedimento humanizador. In: ELIS, Bernardo. **Veranico de janeiro**. Goiânia: ICBC, 2006. p. 125-130.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova cultural, 1988. v.1, tomo1.

PERRONE-MOISÉS, Lyla. Apresentação. In: BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 7-9. (Debate; 24).

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005.

PLATÃO. **A república**: ou sobre a justiça, diálogo político. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 113. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.